

ALBERTO DE OLIVEIRA

(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

PÓSTUMA

**Publicações da ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
RIO DE JANEIRO**

1944

P Ó S T U M A



Ultimo retrato de Alberto de Oliveira

ALBERTO DE OLIVEIRA

(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

PÓSTUMA

JACQUES RAIMUNDO

Publicações da **ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**

RIO DE JANEIRO

1944

Entre os papéis deixados por Alberto de Oliveira encontraram-se as poesias que agora vêm a público, nesta coleção póstuma. Poucas trazem data; mas é certo que, na maioria, são dos últimos tempos do poeta.

Seria vão tentar comparações, pondo em paralelo versos de vários tempos, mocidade, madureza e velhice. Neste volume, que não destoa na unidade da sua obra, se encontra o mesmo admirável Alberto de Oliveira, o que lavrou o seu monumento nas quatro séries de "Poesias", que publicou.

Aquí se sentirá o mesmo frescor do lirismo, que sempre o animou, aquele dom de amar por toda a vida, que é o dos poetas. E a imagem movediça dos amores põe-lhe, às vezes, no verso um tom de céu e morte, entre místico e romântico.

Dele se disse parnasiano, e é certo não se pode separar Alberto de Oliveira de Olavo Bilac e de Raimun-

do Correia. Mas a verdade é que não poetou para servir a escolas ou grupos. Fez a poesia que sabia fazer — a alta poesia —, sentimento, razão e forma, na majestade de uma língua de ouro.

Poeta, viveu de poesia e para a poesia, sem teorizar sôbre o que ela seja, mas sabendo descobrir, em meio às realidades deste mundo de todos, a essência do belo e o sentido poético das cousas. E tendo vivido muito, fez-se exemplo do verdadeiro poeta: porque até o fim viveu contente com a poesia.

Abre o presente volume uma página de prosa, em que Alberto de Oliveira chistosamente conta como veio à poesia, nos tempos de moço, com o exemplo de José Mariano de Oliveira, seu irmão mais velho, a quem sempre teve por modelo. “*Começo de vida*”, mostrando Alberto grande prosador, confirma o conceito de Taine: “*Rien de tel que les vers pour enseigner la bonne prose*”.

Publicando este volume por homenagem, a Academia evoca Alberto de Oliveira, que distanciado na morte deixou vida na saudade. Todos aquí o tínhamos por Mestre e o vimos, como no voto de Horacio, tocar as estrêlas com a fronte.

VALOYSIO DE CASTRO.

COMÊÇO DE VIDA

NASCÍ de pais remediados de haveres em um dos mais pobres dos municípios do Estado do Rio de Janeiro, entre Cabo-Frio, Ponta-Negra e o município de Itaboraí, distrito em que assentava a nossa casa e do qual eu também filho Oliveira Viana, ufania do torrão e honra dos maiores de nossas letras, — era o do Palmatim. Em frente à casa, estendido e verde, o campo, e nas vertentes da serra; aos fundos, a mata virgem. Na vila, depois cidade, a mais de légua daí, aprendi a ler e escrever, tudo rudimentarmente, embora a professor Eduardo Augusto de Almeida, declino-lhe o nome. Um dos mais projectos de então.

Ao matricular-me e comigo outros meninos, perguntou-nos o mestre, — e assim procedia sempre à admissão de novos alunos, — a qual dos partidos queríamos pertencer, grego ou troiano. Para inclinação de nossa simpatia, fazia um resumo da guerra havida entre estes dois povos. Escolhi o grego. A aula se achava partida entre as duas bandeiras. Fui sentar-me sob a dos comandados de Aquiles, a qual havia cinco meses murchava a um lado, enrolada e vencida. As armas de pelea eram os prêmios correspondentes a boas notas, alcançadas pelos partidos; o que no último dia do mês somasse maior número seria o vencedor. Esforcei-me junto aos meus e esforcei-me eu próprio. Decorrido o terceiro ou quarto prazo, acesos os ânimos, fere-se renhida batalha e para nós com tão bons resultados que, terçando por minha gente, desafio o chefe troiano a bater-se comigo, e derroto-o, o mesmo fazendo alguns dos nossos capitães a capitães adversos. Vencemos. Desfralda-se ovante, em meio ao alarido da vitória, a bandeira grega. A outra é arriada, enrolada, apupada.

Fui pouco depois aclamado chefe de meu partido. Durante os três anos de meu curso escolar nenhuma derrota experimentaram os pequeninos helenos por mim dirigidos. Podiam daí me vir entonos de orgulho; não os tive, porque atribuía não só aos meus esforços mas aos de todos os meus companheiros o bom êxito daquelas campanhas. Sentia-me feliz e só uma cousa me

aguava a satisfação: a saudade que tinha de minha casa com o seu largo campo estendido e verde e a mata perto rumorejando. . .

De minha infância, na preparação de meu espírito é talvez esta a recordação principal. Outra que me ficou, prende-se ao estudo de português na quarta classe ou a do último ano. O compêndio de gramática elementar adotado era o de Coruja e os de leitura e análise um Tesouro de meninos não sei de quem, o Simão de Nântua e — pasmai, pedagogos! — os Lusíadas de Luiz de Camões. Várias vezes não lhes pude apanhar o sentido de alguns versos; em uma delas o chefe de turma (lembra-me que se chamava Saldanha, José Saldanha) atinou com a embrulhada interpretação e deu-me um quinau. Criei tal aversão ao livro que uma ocasião peguei da pena e vaso ao poeta, ao caolho, como lhe chamávamos, o outro olho no seu retrato. Com o andar do tempo vingou-se da ofensa Luiz de Camões, tornando-se o escritor português que mais vim a ler e admirar.

Decorrem dois anos depois de eu deixar a escola e minha família muda-se para Itaboraí. Foi na biblioteca pública do município de Joaquim Manuel de Macedo que começou de formar-se em mim o gosto da leitura, principalmente da leitura de versos. Ali maravilhava saudades da infância deixada no Palmital, lendo Casemiro de Abreu e Gonçalves Dias, acendia a imaginação folheando Álvares de Azevedo e Faria

corria os olhos por Magalhães e Porto-alegre. . . Castro Alves creio não estava ainda publicado ou não o possuía a biblioteca.

Urgia, porém, que eu me encarreirasse na vida, tivesse um emprêgo, uma ocupação séria. Éramos dezesete irmãos, dos quais três, os mais velhos, se achavam na Côrte, perfazendo os preparatórios. Meu pai, arruinado em seus negócios, não podia arcar com o dispendio de manter mais um filho em estudos longos e onerosos; encaminhou-me, pois, à prática de um ofício; deixei em pouco o aprendizado; pôs-me a feitorizar oito ou dez escravos que ainda lhe restavam, no agricultar de um pedaço de terra. Em breve pareceu-lhe melhor inclinar-me ao comércio. Contra a minha vontade e por mais de um ano exercitei-me neste serviço em grande armazem de localidade vizinha.

Publicava-se por êsse tempo no Rio de Janeiro o jornal "O Globo" de Q. Bocaiuva. Fui um de seus assinantes; lia-o, não durante o dia, que o tempo para isso não me chegava, mas quando as portas se cerravam, às dez da noite, roubando ao descanso do corpo as horas, daí às dôze. Lia o jornal e também um ou outro livro, principalmente de versos, que encomendava me comprassem em Niterói ou na Côrte.

Desistiu em meu favor da mesada que recebia, meu irmão José Mariano e pude, com assentimento de meu

pai, vir para a capital da Província, a habilitar-me na Escola Normal para o exercício do magistério. Fiquei residindo com êsse irmão que, tão generoso fora comigo e que se viu forçado, para manter-se, a ir trabalhar à noite como auxiliar de revisor do "Jornal do Comércio", lugar que também por algum tempo ocupei mais tarde.

Foi por essa época que o autor dos Lusitana, por mim outrora brutalmente ofendido, começou a agradecer-me e a sorrir-me. Era meu professor de preparatórios — a conselho dêle desistira da idéia de cursar a Escola Normal — um dos homens melhores de que guardo memória, o sábio educacionista fluminense Felisberto de Carvalho. Foi êle que aos poucos me fez cair no conhecimento das belezas do grande poema. Fiz as partes com Luiz de Camões.

Era a nossa república frequentada por alguns colegas de José Mariano, estudantes, como êle, de matemática ou de medicina, e como êle — que sempre foi um grande, um genuíno poeta — amigos de poetas e seus admiradores.

Um dia, depois de aplaudirem umas estrofes republicanas de meu irmão, indagou um dos rapazes, voltando-se para mim, se eu também não fazia versos; respondeu José Mariano que me ensaiava para isso e começou desde então a instar comigo para que eu escrevesse; como eu alegasse desconhecimento das regras de

metrificação, atalhava que tal conhecimento viria pouco a pouco; que eu lêsse os poetas em voz alta, que iria assim educando o ouvido, etc., etc.

Esbocei, por prazer, durante alguns meses várias composições; nenhuma logrou sair sem defeitos; mostrava-mos meu mestre e guia, corrigia-os, animando-me sempre. — Teima, aconselhava-me; é preciso errar para aprender e acertar. Eu zangava-me, aborrecia-me, — não dou para isto! bradava, estracinhando a versalhada escrita.

Uma tarde em que ficara sòzinho em casa, salteou-me a curiosidade de saber o que encerrava uma velha caixa de pau, que o nosso locador pedira deixássemos ficar onde estava — um recanto junto da escada, até que a mandasse remover. Abrí-a com um ferro, despregando-lhe duas das tábuas. Dentro, entre velhos almanaques, folhinhas, impressos de anúncios e mapas roídos, havia um livro de versos, Flores entre espinhos de Joaquim Norberto de Sousa e Silva; lí-lhe algumas fôlhas e súbito, tomado de idéia má, arranquei uma delas, repus o volume em seu leito de pó e polilhas, repreguei as tábuas à caixa e entrando onde tinha a mesa, papel e pena, copiei da fôlha um soneto que me pareceu magnífico. Na cópia feita simulei emendas ou correções, para dar ao trabalho caráter de autenticidade. Quando meu irmão entrou, indo ao encontro de seu desejo de ler-me produções novas, mostrei-lhe o so-

neto. — Um soneto! exclamou, olha que é difficilissimo! Vejamos... — Leu o primeiro verso — Primeiro verso, certo. Leu o segundo — Segundo, certo. Leu o terceiro — Terceiro, igualmente certo. — Igualmente o quarto. Passou ao segundo quarteto. Tudo certo. E ia dizendo — bonito! bonito! Foi aos tercetos. Primeiro — admirável! Segundo e conclusão; admirável! nenhum defeito! Deu-me entusiástico abraço e declarou que o soneto era de tal ordem que elle mesmo não o faria melhor.

Noite horrível foi a dêsse dia! revolvei-me a todo momento na cama, arrependido do que havia feito, apropriando-me do que era de outro, pondo-lhe em baixo o meu nome, e mentindo, mentindo! Resolvi a, de manhã, penitenciar-me e desfazer o embuste. De manhã mudei de resolução: o soneto, assentei, continuaria provisoriamente a ser meu até que eu conseguisse fazer um outro igual, — e porque não o conseguiria? Igual e até melhor. Então despiria o alheio, daria o seu ao seu dono, alegando que a apropriação feita não passava de brincadeira.

Chegaram os companheiros de José Mariano. Este apressou-se em comunicar-lhes o meu trabalho. Foi uma apoteose! Banhou-me a glória com o seu sorriso, sorriso que me incomodava, porque a elle não tinha o direito e chegava até a parecer-me de troça, acuminado ou irônico. Protestei então em minha conclusão que

dentro em pouco tempo faria soneto que àquele excedesse. Haviam de ver. E lia desesperadamente o que me interessava, e desesperadamente escrevia.

Mostrando todas as manhãs a José Mariano novos sonetos, resultados de luta travada em mim mesmo, êle para não arrefecer-me o estro, nunca os reprovou, encomiava-os, estimulando-me, mas nunca também deixava de referir-se ao primeiro, que continuava, dizia, a ser o melhor. Quantas vezes, ao passar por tí, velha caixa de pau, não te olhei de esguelha. . . mas resistia à tentação; era agora um capricho. Tinha de vencer.

Decorreu um ano, quasi dois anos. O soneto de Joaquim Norberto continuava a ser o melhor de meus sonetos. Um dia enfim, sôbre um que lhe apresentara (denominava-se "O mártir do Gólgota", título tomado a um romance de Eschrich) lavrou meu irmão a seguinte confortadora sentença: êste, sim, é o melhor de teus sonetos inclusive o primeiro. Respirei desopresso e victorioso, e comovido e quasi em lágrimas contei-lhe então o furto que havia praticado.

Êsse esforço continuado criou em mim o hábito e o gôsto de versejar. A poesia acredito não terá vindo daí, porque forçada deixa de ser poesia. Veio talvez de um reflexo que em mim bateu de outra poesia, a poesia máxima, a poesia de nossa terra, a qual na adolescência me ficou misturada com a saudade do meu Palmital e do mar forte que atroa nas praias de Saqua-

rema e cuja ressonância de quebras influir de algum modo no ritmo de alguns de meus versos. Foi embalsamada pela música dos cantos dos poetas nacionais, os primeiros que conheci, ao desabrochar-se-me o espírito com a leitura de seus versos. Essa poesia, acredito, eu a trazia em mim; faltavam-lhe, porém, os elementos de expressão e estes, bem ou mal, vim a adquiri-los por um capricho ou força de vontade.

Dezembro, 1929.

MELHOR CANTEI

MELHOR cantei quando, cativo, outrora,
Os carmes modulava acompanhado
Do som dos elos do grilhão dourado
Que me impôs quem se foi tão cedo embora.

Eu era qual a ver o espaço fora
É o pássaro, que súbito apanhado,
Em cárcere de arame empoleirado,
Suspira e melhor canta ou melhor chora.

Tornando agora à antiga liberdade,
Como essa ave, que sôlta acaso um dia,
Mal sabe onde se vai no voar ligeiro :

Sinto que nos meus versos se há poesia,
É toda essa poesia a da saudade
Do tempo em que vivia prisioneiro.



FEVEREIRO FLORIDO

NO mês de Fevereiro
Borda a flor do espinheiro
Seu véu de núpcias; mostram os anjos
 Como são ricos
Do ouro que guardam; neles ouro é tudo;
A ramosa quaresma é púrpura e veludo,
 E a serra, assim florida,
 Desde a baixada,
 Toda enfeitada,
E' um hino a Deus, é um hino ao sol, é um hino à vida

E o leve cheiro
Que se derrama
De rama em rama!
E a lufa-lufa das abelhas, indo e vindo
Murmurinhando: — Oh! Fevereiro
Festado e lindo!
Foi em ti meu noivado!
Florescia o espinheiro,
Florescia a quaresma, alto e dourado
O angico florescia.
Vai tão longe êsse dia!

Tudo é passado.
Tornam a estas plantas suas flores
Com as mesmas côres
E o mesmo cheiro...
Tornasse-me também aquele Fevereiro
Do meu noivado!

1930



AVE, MARIA! NA MONTANHA

AVE-MARIA, na montanha! Ave, Maria!

Rodeada de anjos, tu resplandesces,

Ouvindo as preces

Do fim do dia.

À alma que sofre, em sua ignorada angústia,

O' doce Virgem piedosa, desce

E ao seio a aqueces;

Ave, Maria!

Ave, Maria! Talvez teu nome diga-o baixinho,
Entre folhagens agasalhando-se, o passarinho;
Talvez o diga no Céu a estrêla do anoitecer.

Ave, Maria, cheia de graça! Que bom seria
Fechar os olhos, e repetindo-o: Ave, Maria!
Aquí morrer!

1930.



FOI A UM SOL SEM RAIOS

FOI a um sol sem raios, junto a um mar sem vida
Eu quedara acaso, cismativo e absorto,
Junto a extenso campo, onde à oração convida

Uma grande cruz, e onde, qual vai a um porto
Nau desarvorada descansar da viagem,
— Nau de rôtas velas, jaz meu sonho morto.

Da que amei vinte anos invocando a imagem,
Penetrei dêsse êrmo na soidão silente,
Era toda sombras a feral paragem.

— Sentinelas mudas, sob o céu dormente,
Os ciprestes altos cabeceando estavam,
Sonolentamente, sonolentamente.

Anjos de alvacento mármore rezavam
De mãos postas onde alto moimento havia,
Sôbre o qual debruços os chorões choravam.

Foi daí que, estranha, quasi à Ave-Maria,
Esta voz ouví de extra-terreno acento:
— Vem dormir! é tarde! já lá vai teu dia!

Quem assim falava? No arredor atento,
Ninguém vi, senão num banco, a enxada ao lado,
O sepultureiro que, em torpor, suarento,

Cochilava. Sono, que na terra é dado,
Do infinito sono, alí baixara a tudo,
Parecia tudo inerte alí, parado.

Oh! disse eu então comigo, não me iludo,
E' a voz dela! E um nome de mulher, saudoso,
Pronuncio em meio àquele ambiente mudo!

Nome caro aos anjos, lá no Céu glorioso
Qual na terra, nome que dizê-lo basta
A alma é toda enlêvo e indefinível gozo.

Já descia a noite, já seu véu se arrasta
Por alí em tudo onde os meus olhos poubo
Ressorrí-me a estrêla peregrina e casta.

Cheio o pensamento da que só em sonho
Ora posso ver, e de sua alma pura,
Afastei-me aos poucos do lugar tristonho

Vinha a sós cismando pela semi-escura
Pedregosa rampa que à saída guia,
Quando a mesma voz de celestial docura

E no mesmo apêlo, dentre a ramaria
Dos chorões piedosos, lá nas sombras do êrmo:
— Vem dormir! repete; já se foi teu dia!

Sobrestive. O ouvido, creio-o zonzo ou enfêrmo.
Olho exagitado, retrocedo uns passos,
Olho em vão... Avultam da alameda ao têrmo

Da alta cruz de pedra os destendidos braços
E espectrais, em fila, sob o céu dormente,
Os ciprestes negros cabeceando a espaços,

Sonolentemente, sonolentemente...



BÍBLIA PÓSTUMA

QUANDO (ó tu, cuja voz um cântico resumo
E que vagas nos sons das músicas sugradas,
Como vagam à lua em nuvens de perfume
As almas dos jardins e as noites comeladas)

Quando às ervas do chão, as vis necessitadas,
Fores servir de pasto e perfumado estrume,
Eu não irei verter os prantos do costume
Na pedra que cobrir-te as carnes delicadas

Preferirei, mulher, que, amante sei guardar-t'as,
Reler na minha dôr as tuas pobres cartas
Onde um zêlo infernal teu íntimo consome;

E, ó meu negro suplício, aí talvez mais doce
Hei de te ouvir a voz, como se viva fôsse,
Ainda assim como agora, a maldizer meu nome.



ALMA DE POETA

*Para ser recitado pelo menino Mello
de Alencar (bisneto).*

OUTRORA um poeta, — alma de crente,
Feita da alvura de um jasmim,
Subiu ao Céu. (Antigamente
Alma de poetas era assim.)

Errou na altura, entre a luzente
Coorte de anjos, té que, enfim,
Lhe disse um dia o Onipotente:
— “Vais-me deixar, meu Querubim!

Vais ver a terra novamente;
Esta morada transparente,
Meus paços de ouro e azul setim

Deixa.” Num vôo, de repente
Cumprindo o mando, a alma inocente
Desceu do Céu. E existe em mim.

1929.



FORA DE CASA

(Em Araxá)

AQUÍ, fora do Rio, não me ensina
Versos a musa, nem trovar intento,
Que nada faço, longe da oficina
Em que acho distração ao meu tormento

Tudo o que vejo, observo e me fascina
Por sua formosura o pensamento,
Êste verde ondulado de colina,
Águas, flores, montanhas, firmamento!

Tudo na alma sensível me ressôa
E vibra, mas aquí tanta beleza
Cantar não posso, pois que só trabalho

Com a minha pena, em casa, à minha mesa,
Como, deixando os ares onde vôa,
O passarinho canta no seu galho.

1921.



NUVEM VIAJANTE

“LEVA-ME — suplicava em alta serra
Nuvem cansada
De muito errar — leva-me, vento amigo,
Em teu vôo contigo
Pela esfera do céu mais desejada
Do que a da terra,
Pelo azul onde estrêlas cento e cento
Brilham e brilha o luar,

Leva-me, leva-me.”

E levou-a o vento.

Fôsse eu a nuvem que pousou na serra,

Cansada de viajar:

Levou-a o vento. Dissipou-se no ar.



AMOR E MORTE

GÔZO maior de minha vida
Foi o de ser e haver amado;
De tua morte a dôr, querida,
Foi de todas a maior dôr.
Que mais posso querer na vida?
Deu-me o que em si tinha melhor
E pior, e assim quis a sorte
Fôsse vivida:
Amor e morte...
Morte e amor.

OS "CARMES"

À ALOYSIO DE CASTRO

AQUÍ, deixando o mar pela montanha,
O azul de Guanabara
Pelo verde da serra, companhia
Me é nesta solidão a egrégia e rara
Musa que os *Carmes* teus, de alma poesia,
Como o sol a um cristal, traspassa e banha.

Leio-te e dou-te a ouvir às cousas várias
Que me cercam, às flores,
À água do rio, ao morro, às araucárias.

— Harpas do vento, que os sutis rumores,
Pela manhã e ao pôr do sol dispersos,
Casam com o doce quebro de teus versos,

De quem tudo isto fez e a Natureza
Toda encheu de beleza,
Sinto nas tuas páginas palpita
Um raio da arte com que o chão recama
De lírios, veste o céu de azul e chama,
Ala o pássaro e o inseto... Arte infinita,

Arte de Deus, enfim. A humana, a tua
Dela vem refletida,
Dela o modelo tem, se inspira nela,
Dá a terra o ouro, o diamante, o céu a estela,
A alma sonha e sorri, ou sofre e estua,
Abre num verso, — e dá no verso a Vida.



MONÓLOGO PASTORIL

CORAÇÃO, pára! ou morre, ou te refreia.
Olha os anos que tens, o que hás vivido.
Não era êste carvalho inda nascido
Quando nasceste, e já pesado arreia.

Amaste, quando aquí, em vez de aldeia,
Êrmo apenas se via. Em Papho ou Cnido
Culto não teve Amor como o rendido
Nestes campos de Arcádia à minha Alfeia.

Das últimas ovelhas que guardadas
Foram por nós, as crias já têm crias;
Cobrem-me a testa lisas cãs prateadas.

Ah! velho estás! Aglae não te socorre,
Nem presta ouvido às queixas que lhe enviava.
Coração, pára! ou te refreia, ou morre!

1912.



CARTÃO POSTAL

FAZ mal ao que envelhece ou já envelheceu,
Recordar o passado, olhando um quadro assim;
Foi minha esta mulher, aquele homem fui eu,
Dela já não sei mais, nem sabe ela de mim.

1915.



IN MEMORIAM

ESTÁS no que há melhor em mim e se condensa
Em Fé, Piedade, Amor e me faz ajoelhar.
Só uma grande dôr gera uma grande crença.
Só é capaz de crer quem é capaz de amar.



MELLO MORAES

SORRISO com que sorria,
Há pouco feliz, agora
Veio a tristeza apagar;
Mudou-se em dôr a alegria;
O seu rosto é o de quem chora
Ou acabou de chorar.

Mas ir-se-á tristeza embora
Como se foi a alegria,
E o sorriso há-de tornar,

Qual depois da chuva a aurora
Pelo horizonte irradia
E abre, inda molhado, o olhar.

E de novo há-de ir-se embora,
E de novo há-de sombria
Ida a tristeza tornar,
Que assim, quasi de hora em hora,
Em sua vida, à porfia,
Se alternam rir e chorar.

1919.



EMBRIAGUEZ

À PENAS fumo . Deixa-me que fume
E te contemple e sinta o teu perfume;
Beber, não: não me tenta êsse licor .
Para embriagar-me, para que me aqueça
Dos pés ao coração, dêste à cabeça,
Basta-me o teu amor .

Meu vinho és tu . Bebo-te o olor que exalas,
Bebo-te os olhos, bebo-te, se falas,
A voz, bebo das roupas através

As tuas formas, bebo-te, querida!
Ah! não poder ficar por toda a vida
Embriagado aos teus pés!

1921.



G. N.

BELA, embora o ar triste, a aparência doentia,
Uma prece na bôca, uma prece no olhar,
Era pálida e fria,
Como vela de altar.

A alma semi-infantil toda a céu rescendia,
Céu e rosas, se estava ajoelhada a rezar
A sua Ave-Maria
Junto do altar.

Aí vão-na encontrar
(Ouví-lhe em casa um dia)
Hirta, tendo à cabeça uma luz aureolar

Que serena irradia.
Tocaram-na: caiu morta — pálida e esguia
Vela de altar.

Fevereiro, 1930.



J. P. M.

DÁS-ME teu nome, e estremeço . . .

Tu, de todas a querida

De outrora, jóia sem preço,

Minha vida,

Meu sonho febricitante

E meu devanear sem fim . . .

Mas que diverso o semblante!

Tu, assim!

Amei-te as madeixas de ouro,
— Manto a encobrir, com receio
De o tocarem, o tesouro
De teu seio.

Quem a côr que me sorria,
Lhes trocou por essa côr
De prata oxidada e fria,
Meu amor?

Amei-te os olhos, — serenos
Glaucos abismos risonhos,
Plenos de ternura, plenos
De meus sonhos,
Quer ao céu se erguendo em preces,
Quer faulando de paixão...
Êsses não me enlevam, êsses
Outros são...

Amei-te a bôca, — partida

Rubra fruta, onde guloso

Provei do amor e da vida

 Todo o gôzo;

Tão doce com o seu sorriso

E os claros jaspes iguais!

Meu clarão de paraíso,

 Onde vais!

Amei-te o colo sem mancha,

Como a alvura peregrina

Em que se enrola ou desmancha

 A neblina;

Que lasciva mão impura

Os lírios de sua tez

Ímpia tocou e a brancura

 Lhe desfez?

Amei-te... Mas não, senhora,
Iludís-me: essa encantada
Visão dos dias de outrora,

Anjo ou fada,

— Guardo-lhe inda na alma impressa

A imagem, o olhar, a voz,

A meiguice, as graças... Essa

Não sois vós.

Essa longe está... E é bela!

Ficou-me na mocidade

E é sempre a mesma. Vai vê-la

A saudade

E sôbre as bençãos que, tantas!

Lhe chovia o meu amor,

Com um beijo lhe esfolha às plantas

Uma flôr.



AD IMMORTALITATEM

DE Murat e Amadeu foram-se as Musas
Uma após outra, dentro em breve tempo,
Ondas uma no oceano turbulento
Atrás deixando, outra deixando *Espumas*.

Encontram-se no espaço, errando, as duas;
— Horas felizes — dizem — recordemos.
E são lembrados, claros e serenos,
Os dias de triunfos e venturas.

Acode-lhes a Casa de que sócias
Foram, e os nomes de outras Musas nobres
Cantar! idas também... — Ah! glória assim

— Comentam com tristeza — pouco vale!
Essa acadêmica Imortalidade
É cousa vã... Morre-se muito ali.



QUANDO TU DORMES

QUANDO tu dormes — vê que atrevimento!

Entra em teu aposento

Meu pensamento.

Êle me põe ao pé de ti.

Beijo-te as mãos, beijo-te os braços, beijo

— Febre, fogo e desejo,

O rosto, em pejo,

Que se me oculta, e me sorri.

Quando tu dormes, toda a tua vida
Pertence-me, querida.
Que doce lida
Estar-te a ver, e estar-te a amar!
Estar, sem testemunha impertinente,
Contigo alí sòmente,
O olhar ardente
Fito, embebido em teu olhar.

Quando tu dormes . . . que na sala, em meio
Dos que nos vêem, refreio
Dentro do seio
Êste agitado coração,
E só no olhar, que o teu olhar procura,
Relampeia e fulgura,
— Sonho e loucura,
Mal disfarçada esta paixão.



A CASA DA SERRA

DE novo aquí tornando,
A casa torno a ver em que morámos .
Torno a ver-lhe, alto e agudo,
O tecto, e em tórno o esbranquiçado muro;
Torno a ver-lhe a alameda,
O chalé do jardim, entre roseiras .
E as ruas, os caminhos
Por onde andámos braço a braço unidos,

Vêm acaso estas cousas?
Não, que sòmente a mim, em dolorosa
Saudade, alma querida,
Cabe isto ver, e crer-te viva ainda.



FILHA DE MARIA

MARIA e “filha de Maria”

Para a Virgem viveu.

Estar-lhe aos pés do altar era o enlêvo seu.

Tinha uma voz! Ouví-a,

E quem como eu lh’a ouviu cantar a “Ave-Maria”

Nunca mais a esqueceu.

Vinha essa voz de além, ia-se além... Um dia

Convidou-a o seu anjo, a filha de Maria,

Para cantar no Céu. E foi cantar no Céu.

ESSÊNCIAS CATIVAS

OUVI êste queixume
Evolar-se de um frasco de perfume:
— Senhora minha, toda rosa e pérolas,
Dona da alcova, fugaz visão,
Abre-me as portas ao vítreo cárcere,
Leva-me, tira-me
Desta prisão.

Ouvi outro queixume
Exalar-se também, como ao perfume,
Em amiudados ais, por entre lágrimas

Vinha de uma alma: — Penar! penar!
Morte, piedosa Morte, liberta-me!
Ala-me, solta-me!
Que eu quero voar!



O CHEIRO DA SERRA

VIM todo a rescender ao cheiro daquela serra,
Como o inseto que deixa a corola em que há pousado,
Vem cheio de seu perfume.

Aquele cheiro alí sai do coração da terra,
Sai do chão virgem, sai das árvores misturado
Com o seu brando murmúrio;

Sai dos troncos que vês, ou tortos e desconformes,
Ou retilíneos no ar — equilibradas e verdes
Colunas; sai lá do fundo

Dos grotões negros; sai dentre os barrancos enormes,
Sai das montanhas, sai do azul onde os olhos perdes,
Sai do Céu, sai de tudo.

Inda o respiro aquí, ao chegar a esta baixada
Na água que de lá vem ou em cada planta nova,
E pedras verdes de musgos;
Como alguém que ao sair de ao pé de mulher amada,
Inda o cheiro lhe traz dos vestidos e da alcova,
Onde estiveram juntos.



FLORES DA ESTRADA

DAS flores roxas, das amarelas,
Das brancas e outras de azul setim,
Quais balouçando-se em sua frança,
Quais em gramados, de todas elas
 Trouxe a lembrança
 Dentro de mim;

Trouxe-a tão viva que matizada
Tenho a minh'alma, tão cheio vim
De seu encanto, da perfumada

Imagem delas, de suas côres...

Tudo são flores

Dentro de mim.



EM SÃO PAULO

A ALOYSIO DE CASTRO

LONGE de nossa terra e em nossa terra,
Pois é tudo Brasil, São Paulo e Rio,
Aqui, fugindo do queimoso estio
Ou dos raios do sol à acesa guerra:

Por largo espaço entre saudades erra
Meu pensamento quando, no sombrio
“Terminus”, de meu quarto ao longe espio
E o perfil vejo à alcantilada serra.

Lembram-me os nossos morros — sentinelas
Da cidade, de dia conversando
Com o mar vizinho, e à noite com as estrêlas;

E ao pé de um dêles tua casa, amigo,
Onde os olhos de louça entrecerrando,
“Liliana” está como a sonhar contigo...



VISTA DA SERRA

LÁ se vão névoas para aquela serra,

Lá se vão asas;

Soprando velas,

Lá se vão auras;

Tudo o que pode voar, vai para a serra,

Vai também a minh'alma,

E' a saudade que a leva,

Vai como as névoas,

Vai como as auras.

E eu fico-me a chorar, olhando a serra.

LUFADA

DA ventania nas revoadas

Vão desfolhadas

Rosa e mais rosa, todas as rosas do meu jardim.

Vento mais forte

Ah! quem me dera meus pobres poemas arrebatasse

E além da morte

M'os desfolhasse

Verso por verso sôbre teu colo também assim.

AVE, MARIA

Ó essência fina que te evaporaste,
Que te dispersaste no Desconhecido!
Minha “amada imóvel”! ó meu Bem perdido,

Aquí estou lembrando-te, e com que saudade!
Só, nesta cidade em que te ví um dia,
Já baixava a noite, já o luar nascia .

Era à entrada do ano. Festival Janeiro.
Dos jasmims o cheiro na atmosfera branda
Circulava a espaços, vinha até à varanda.

Refulgia Vésper, como condoída
Lágrima caída sôbre o dia morto.
Tinhas nela os olhos; eu te olhava absorto,

Todo em ti absorto. Evocações! saudades!
Dêsse fim de tarde sinto na alma ainda
De teu longo olhar a irradiação infinda

E o fulgor da estrêla, — duas claridades...

1918.



MELHOR QUE NUM LIVRO ABERTO

EM vez de num livro aberto,
No Céu deves ter o olhar.
Pensa, e o Céu verás mais perto.
Melhor que ter — é pensar.

Se a Fé te arrebatá e inflama,
Vai aonde ela te levar.
Em nada mais penses. Ama.
Melhor que pensar — é amar.

VOZES SEM ECO

PELA noite escura, escura,
Pia uma ave na espessura,
Canta, não sabe aonde vá;
Pia, no mêdo que a assombra,
Pia, investindo com a sombra . . .
Quem a ouvirá?

Pela noite escura implora:
“Valei-me, Nossa Senhora!”
No mar um náufrago. Já

Se lhe afundam lenho e vela
Com a desatada procela . . .
Quem o ouvirá?

Pelo Céu escuro, escuro,
Uma alma: — “Bem que eu procuro,
— Suspira — é no Céu que está?
Fui a todas as estrêlas,
Não me ouviu nenhuma delas.”
Quem me ouvirá?



NUM TÚMULO PAGÃO, EM ROMA

(TRADUÇÃO)

ZAGALA ou bom pastor, quem quer que sejas,

Detém-te com o rebanho e uma lembrança

Deixa ficar a estas sagradas cinzas;

Violetas esparze neste túmulo

E derrame teu cântaro

Tépido leite que humedeça a terra,

Depois dize entre lágrimas:

Doces despojos que me são tão caros,

Ora cinzas sòmente, mas outrora

Formosa Hyela, adeus!

1932.

ROSTO E CORAÇÃO

QUAL é teu coração não é, Mimí, teu rosto;
Êste é todo alegria, aquele é só desgosto,
— Segundo dizes — dôr, luto, desolação;
Difícil de explicar essa contradição.
Não somos como o Céu, onde sôbre o negrume
De noite procelosa arde o sereno lume
Das estrêlas; o Céu, sòmente êle, domina
Tempestades, se as tem, com a irradiação divina.
Ou do Céu participa o teu claro sorriso
Ou não te entendo. O que é mistér, o que é preciso
E' que seja, qual é teu rosto o coração.

Expele a dôr que o punge, entre nele o clarão
Que as faces te ilumina e as repassa de encanto.
Um santo triste, alguém o disse, é um triste santo,
E das santas a que mais alto está, Maria,
Toda é plena de graça e plena de alegria.

Eva, sim, é que é triste; em seu ventre gerado
Foi o homem. Pecou. Triste é por seu pecado.
Ledo na Virgem-mãe é o rosto e é o coração,
x Pois dando-nos Jesús, deu-nos a redenção.

Também outra Maria houve — e ainda, supponho,
Existe para nós em teu sonho e em meu sonho —
Cujo rosto era em tudo igual ao coração.
Imita-a, não te seja êsse sorriso vão;
Faze venha êle da alma; enche a alma de alegria,
Lembrando ao mesmo tempo uma e outra Maria,
Ambas filhas do Céu, ambas dôr ou desgosto
Vencendo e ambas iguais no coração e rosto.

1925.



NO TRAVESSEIRO DE LEVES PLUMAS...

NO travesseiro de leves plumas desta ilusão

Pousei minha cabeça fatigada

E adormeci.

Porque me chamam? porque me acordam? Eu nada, nada.

Nada quero do mundo fátuo e vão!

Deixem-me aqui...



O CICLOPE

...“**F**UI num monte convertido.
Hoje pedra é minha frágua,
São écos — o meu gemido,
Pranto — a água dêste olho d’água”.

VOLTAS

Assim aquela montanha
Sua história me dizia
E metamorfose extranha.
Perto, em natural bacia

Feita na concavidade
Da rocha, — talvez a mágoa
A diluir-lhe ou a saudade —
Borbotava um ôlho de água.

Dela bebí, e acredito
Veio d'aí crescimento
Ao mal que me traz aflito,
Ao aflito pensamento,
E de tal maneira e tanto
Que também saudade ou mágoa
Rola de envolta com o pranto
Em meus olhos cheios de água.



ALÉM DO ALÉM

DE rocha curva sôbre o mar,
Embebido no azul o olhar,
Um homem cisma: Que há além do fim
Do Céu que está acima de mim?

Sob o homem, a rocha, o olhar
Preso à profundeza do mar,
Cisma também: Que há além do fim
Do Céu que está abaixo de mim?

ELORA

HÁ nomes — ninguém o ignora —
Que a idéia exata nos dão
Dos que os têm. Lembra Teodora
Gorda, pesada senhora
Com a antiga saia-balão.
Aurora há de ser aurora,
Loura, alegre e com um clarão!
Creio que, em Byron, *Medora*
E' toda amor e paixão.

Passemos a ver agora
Elora... E' nome ou canção?
Não, é mais do que isso, — Elora
E' poesia e coração.



VILANCETE

Fala a freira Teresa de Jesús.

Benedita, sê bendita.

VOLTAS

MADRE de nosso convento,
Fundado na mesma casa,
Onde inda há um frêmito da asa
Que me aqueceu um momento:
Bálsamo fôste ao tormento
Em que andava enfêrma e aflita,
O' Benedita bendita!

Deus, cujo poder encerra
Os Céus e tudo o que existe,
Vendo-me órfã, só e triste,
Tornou minha mãe à terra;
O meu coração não erra,
Vendo-a em ti, onde hoje habita,
Doce Madre Benedita!

Quanto minh'alma te inveja,
Na perfeição a que assumes,
Santa feita dos perfumes
Do nardo e incenso da igreja!
Teu nome bendito seja,
Tu para sempre bendita,
Mãe, minha mãe Benedita.



A MELPÓMENE

(HORÁCIO, L. IV, ODE III)

Ó Melpómene, àquele em que pousarem,
Vindo à existência, os teus serenos olhos.

Não lhe darão renome
De atleta lutador os jogos do Istmo,
Nem fioso corcel há de levá-lo,

Vitorioso na pompa
De um carro grego, nem mavórcia glória,
— Das fôlhas da apolínea
Delos coroada a frente —

O subirá um dia ao Capitólio,
Por haver abatido aos reis soberbos
As ameaças. Mas as frescas águas
 Que serpeam em Tibur,
E as nemorosas, as espessas ramas
 Afamado o farão no verso eólio!
Alistam-me os de Roma
Cidade das cidades, caros filhos,
Entre o côro dos poetas, e já menos
 Sinto o colmilho à inveja...
Ó Musa, a Ti, que em doce melodia
Do dourado alaúde os sons acordas,
 A Ti, que aos mudos peixes
Podes dar, se te apraz, a voz do cisne,
Eu devo, é alto favor que me dispensas,
 Ser notado com o dedo
 Entre os que passam, como
Dextro em tanger a cítara romana;
 Por ti é que respiro
E agrado, Musa, se em verdade agrado...

AQUELA MULHER

SOB um velho chapéu de sol, já remendado.
Um vestido de chita, ao pescoço enrolado
Um lenço de xadrez, os pés desnús, ao braço
De Antônio, essa mulher em vagaroso passo
Tinha entrado na vila iluminada e bela.
Muita gente sorria ao ver Antônio com ela.

Antônio era da vila o moço mais galante,
Mais amado. Um perfil correto, um cintilante
Olhar, cabeça altiva, ancho peito. Vestia
Seu todo ar de nobreza e ar de valentia.

Nesta ou naquela sala onde o prendia a dança,
Em mais de um coração fez mais de uma esperança
Nascer. Muita mulher das mais distantes, teve
Nele um sonho a pairar, embora incerto e breve.

Como, sem lhe subir o pejo à face, agora
Ia portas a dentro à vila, naquela hora,
Com essa mulher mostrando os pés nús, o vestido
Rôto, e sob um chapéu de chita recosido?!
— Olhem que cara tem a tal mulher, diziam;

Muita moça sorriu, muitos homens sorriam...
Vinha o povo à janela a vê-los, à direita
Êle dela, e ela a andar pela calçada estreita
Ferindo os grossos pés nas pedras, levantando
O cabo do chapéu de sol de quando em quando.

O rosto da mulher era triste de vê-lo:
Magro, ossudo, brutal, rompia entre o cabelo
Caído, empoadado, sujo. Um sorriso, um sorriso
Porém o iluminava a espaços, indeciso.

Andava, e o seu olhar estava fixo, preso
No companheiro, em água e em fogo estranho aceso,
— Olhem que harpia leva o Antônio hoje, diziam,
Muita moça sorriu, muitos homens sorriam.

E os dois seguiam sempre, êle ao braço prendendo
O braço da mulher, ela o encarando e o vendo
Sempre, curva, a tremer, em seu passo, tardia,
Sob o velho chapéu de sol que suspendia.

Entraram afinal em casa. Era sol pôsto.
Ela tinha um luar nas ruínas do rosto;
Êle apertava-a ao peito, e entre alegria e mágoa.
Volvendo-lhe de em roda os olhos rasos d'água.
Dizia-lhe com a voz de prantos impedida:
— Ó mãe, conte-me agora a sua triste vida!



HORAS FELIZES

A MEDEIROS E ALBUQUERQUE

ENTREI em meu hotel em ti pensando.
És feliz. Eu também o fui outr'ora...
Que bela é a tua casa! Ancho, lá fora,
Na larga praia ouve-se o mar bramando.

O Paulo e a Vera, — quais de aéreo bando
Dois colibrís, — revoam hora e hora
Ao pé de ti e ao pé de tua nora.
Vejo-os, meu lar extinto relembrando.

Abençoemos a Vida que a ventura
Da família nos dá, serena e pura
Tu que a tens e és feliz, eu que a perdi.

Abençoêmo-la, amigo, tu no gôzo
Dêsse teu dia de anos, eu saudoso...
Tu que envelheces, eu que envelheci.



E SE ALCANÇADO O ALÉM...

E se, alcançado o Além que anseia e pede,
A alma iludida foi, se lá perdura

A mesma sêde

De eterno bem?

— É que ainda não basta aquela altura,

É que é preciso ainda ir além!

Além! além! tanto mais pura

Quanto mais alto! até que revertida

Seja à origem da Vida,
Ao infinito seio
Do Todo imenso, de onde tudo veio,
Tudo provém.
Além! além!



ÍNDICE

	PÁGS
PREFÁCIO	0
Começo de vida	7
Melhor cantei	17
Fevereiro florido	19
Ave, Maria ! na montanha	21
Foi a um sol sem raios	23
Bíblia póstuma	27
Alma de poeta	30
Fora de casa	31
Nuvem viajante	33
Amor e morte	35
Os <i>Carmes</i>	36
Monólogo pastoril	38
Cartão postal	40
<i>In memoriam</i>	41
Mello Moraes	42
Embriaguez	44

	PÁGS.
G. N.	46
J. P. M.	48
<i>Ad Immortalitatem</i>	52
Quando tu dormes	53
A casa da serra	56
Filha de Maria	58
Essências cativas	59
O cheiro da serra	61
Flores da estrada	63
Em São Paulo	65
Vista da serra	67
Lufada	68
Ave Maria	69
Melhor que num livro aberto	71
Vozes sem eco	72
Num túmulo pagão, em Roma	74
Rosto e coração	75
No travesseiro de leves plumas	77
O Ciclope	78
Além do além	80
Elora	81
Vilancete	83
A Melpômene	85
Aquela mulher	87
Horas felizes	90
E se alcançado o Além	92

JORNAL DO COMMERCIO — Rodrigues & Cia
Av. Rio Branco, 117 — Rio de Janeiro

JORNAL DO COMMERCIO — Rodrigues & Cia.
Av. Rio Branco, 117 — Rio de Janeiro — 1944